

OS MANUAIS DA URBANÍSTICA COMO DIVULGADORES DE UMA PRÁTICA MODERNA NO BRASIL (1900-1950)

ROSANA STEINKE

Cem anos de história do urbanismo, cem anos de uma tentativa consciente de pensar disciplinarmente a cidade, possibilita desalinhar uma densidade conceitual que se apresenta fragmentariamente no discurso sobre a cidade atual. Porém, fundamentalmente, se trata da recuperação de um pensamento que contém uma dimensão utópica. A constituição de uma urbanística em fins do século XIX se realiza sobre eixos que, de várias formas, atravessarão toda a sua história. Uma série de instrumentos e técnicas, que provêm de diferentes campos do pensamento se articulam na formação de uma nova disciplina que vai consolidar-se não só em sua atuação sobre um objeto – a cidade – mas também na própria reflexão sobre a sua atuação. Esta reflexão perpassa a idéia de uma cidade diferente, tanto em sua conformação física, como em uma pretendida correspondência de um ideal de sociedade, ou seja, a possibilidade de reformar a cidade aparece então indissolivelmente unida à possibilidade de reformar a sociedade.

Choay propõe chamar de instauradores os escritos que tem por objetivo explícito a constituição de um aparelho conceptual autônomo que permita conceber e realizar espaços novos e não-aproveitados, sendo que estes são formados pelas três categorias: dos tratados de arquitetura, das utopias e dos escritos do urbanismo, solidarizados por seu projeto fundador de espaço. As utopias, então, não pertencem apenas ao universo da ficção, mas se constituem como parte integrante das teorias de urbanismo, como um texto inteiramente instaurador, ao incluir dois traços comuns a estes escritos: a abordagem crítica do presente e a projeção de um modelo, que poderia servir para a concepção de espaços reais.

A diversidade cultural dos ambientes em que estas idéias foram geradas e transmitidas, no entanto, irão derivar em diferentes experiências. Este é o caso do movimento *city beautiful* americano como uma re-interpretação da tradição barroca parisiense, no racionalismo que culminou no movimento moderno, nos traçados onde sobressaem o pitoresco para as áreas residenciais – e o barroco para as áreas do centro, podendo ser pensada até mesmo como divisora de correntes urbanísticas. Cabe então, ao olhar do historiador, perscrutar o passado, esse estrangeiro, como foi dito, mas não buscando formas determinadas, e sim a híbrida, a trans-formação dos conceitos, seja na prática, seja na própria transmissão das idéias.

Aportamos, sem dúvida, no campo específico da historiografia, onde a micro-história, ou a chamada história local, ao circunscrever-se dentro da própria história sócio-cultural, possibilita uma leitura crítica da sociedade e suas representações. Em outras palavras, pode-se pensar nos trabalhos de historiadores como Roger Chartier e Bernard Lepetit, dos quais emerge a possibilidade de uma interpretação, vislumbrada a partir de relações de circularidade e troca entre universos distintos, simultâneos e entrecruzados, que se expressam, ou ainda, de maneira bastante sugestiva.

Os tratados e manuais, bem como as exposições e os concursos, no cenário do planejamento urbano e da arquitetura, têm um caráter divulgatório, atuando como influenciadores e cumprindo um papel destacado nas interlocuções das concepções urbanísticas entre os continentes. Temos nessa primeira metade do século XX uma série deles atuando como disseminadores das idéias sobre urbanismo e do que estava sendo realizado em termos urbanísticos no mundo. Neles, encontramos toda uma sorte de soluções, modelos, tipos, bem como suas adaptações e realizações. Para os urbanistas, suas viagens eram também um campo experimental – e divulgatório – como é o caso de Bouvard e Barry Parker em São Paulo, Agache e Le Corbusier no Brasil e na Argentina, bem como a ida de Ebenezer Howard para os Estados Unidos e dos teóricos Werner Hegemann e Karl Brunner que também tiveram essa experiência, como ainda trataremos.

Ao chamar a atenção para a fundamental importância das formulações teóricas e representações sobre a forma da cidade que vem da tratadística, esta comunicação intenta um resgate dessas mesmas fontes buscando eleger algumas das principais em circulação no período, na busca de compreendê-las nestes interstícios. Portanto, é a partir da leitura do conteúdo destes manuais que se buscará identificar o discurso sobre a cidade que aparece neste período, introduzindo uma forma que adquire diversos significados. Pensar sobre esses significados, é admitir também um rompimento radical com as propostas renascentistas e barrocas, onde a cidade é um meio de se pensar e representar diversos ideais, aparecendo como um meio de reflexão. Já na cidade do século XIX – e seu entorno – ela é o objeto de reflexão. Um objeto que aparece embrionariamente e fragmentariamente no discurso dos primeiros pensadores utópicos mas que se desvencilha e toma uma forma pragmática, como na ação de Haussmann sobre Paris, por exemplo.

Um dos manuais muito divulgado foi escrito por um engenheiro-chefe de *ponts et chaussées*, que se dedicou a um tratado sobre a cidade. Joyant, escreveu seu

Traité D'Urbanisme, publicado em Paris, em 1923. O 'Traité d'Urbanisme' de Joyant é a primeira sistematização das concepções da 'Société Française des Urbanistes'. A influência desta sociedade pode ser observada em nosso país através do ensino da Escola Politécnica da USP, bem como através de algumas discussões entre os profissionais da época, que também se aproximava de um modelo germânico, se caracterizando pelo ensino de ciências fundamentais e pela ênfase em ciência aplicada, o que significava, no contexto brasileiro, um direcionamento para uma mentalidade condizente com o processo de modernização tecnológica e industrial que começava a se sobressair no país. Buscava-se formar profissionais aptos a pensar na escala da cidade, elaborando planos globais que envolviam saneamento, circulação e desenho urbano.

Esse é o caso do livro de Camillo Sitte *Der Städtebau (A Construção de Cidades segundo seus princípios artísticos)*, a maioria dos escritos alemães sobre urbanismo, entre eles Baumeister, Stübben, Groecke, Eberstadt, bem como o inglês Ebenezer Howard com o livro *To-morrow: a Peaceful Path to Real Reform*, publicado pela primeira vez em 1898, e editado novamente em 1902, sob o título *Garden Cities of To-morrow*. Além destes, o projeto de Radburn, subúrbio-jardim americano realizado nos anos 20, por Clarence Stein, e a bibliografia concernente a esse assunto me parece interessante. Atenta-se também para o fato de que os projetos, pelo que se pôde observar, trazem na maioria das vezes, indícios de mais de um modelo urbanístico, conjugados. Desde o traçado *city beautiful, beaux-arts*, cidade-jardim, bem como o subúrbio, ou o desenho racionalista, pode-se identificar também as questões de zoneamento funcional do espaço urbano, o caráter cívico-administrativo, as funções residenciais e econômicas, a partir de hierarquias.

De igual importância temos também a atuação do arquiteto inglês Unwin e sua obra *Town Planning in Practice: an Introduction to the Art of Desing in Cities and Suburbs*, escrita em 1909, um manual de desenho tipo 'garden city', amplamente

divulgada entre os profissionais da engenharia, inclusive em nosso país. O desenvolvimento da idéia de cidades-jardins na Inglaterra, como as mesmas se constituíram - o ideal e a prática, a influência da experiência americana e o “deslizamento” para o subúrbio jardim, bem como estas idéias atravessam o Atlântico e se desenvolvem por aqui, é foco fundamental de reflexão. Perscruta-se, neste caminho, até que ponto a travessia para os trópicos destes modelos teve influência na conformação física de nossas cidades.

A obra de Le Corbusier, *Urbanisme* (1922), a Carta de Atenas (1942) e as formulações do Grupo Ascoral (1948), mostra, por sua vez, propostas de cidades lineares industriais, a organização funcional da cidade, a utilização do instrumento de zoneamento, a organização dos núcleos residenciais seguindo o modelo de unidades de vizinhança, também presente na obra de Unwin, além da necessidade do planejamento em escala regional. Também em Sert, ao escrever uma versão do Congresso do IV CIAM: *Can our Cities Survive?*, em 1943, a busca é pela resposta dos problemas através da célula mínima de habitação, considerada como tipologia repetível, preocupações com a falta de espaço, luz, privacidade, higiene, não como um problema das grandes cidades, mas também de áreas industriais superpovoadas. Possivelmente, a contribuição do Movimento Moderno no Brasil possa ser considerado o assunto, do presente elenco, mais investigado pela nossa historiografia. Embora admita-se aqui a grande disseminação do movimento moderno em nosso país, através dessas obras, a escolha recai sobre a possibilidade de estudá-lo dentro do contexto dos manuais e tratados, visto que a maioria de suas formulações já estavam presentes em várias obras anteriores, não se diversificando então enquanto uma proposta única e original, mas também fazendo parte do mesmo arcabouço teórico onde floresceu a maioria das propostas.

Além da circulação destes manuais estrangeiros entre os profissionais da área de urbanismo no Brasil, a presença de alguns urbanistas europeus e a publicação

de manuais na América do sul fizeram a conjugação entre o campo experimental e teórico. Esse é o caso do manual do Prof. Karl Brunner (1887-1960), austríaco, que atuou no ensino e no planejamento na Áustria, Chile e Colômbia¹. A prática urbanística de Brunner tem vínculos com a manualística alemã e o legado vienense.² Sua relevância está em introduzir modificações na prática urbanística chilena, marcada por propostas geometrizes, planimétricas e uma visão arterialista. Em Brunner não se encontra uma visão de cidade que se faz sobre a *tábula rasa*, nem uma proposta mais fechada própria dos franceses ou da urbanística francesa. Há, outrossim, um diálogo entre o que existe e a proposta a ser inserida. Propõe configurar novos signos morfológicos na estrutura arquitetônica, a partir de um reforço da centralidade dos edifícios importantes. Critica a malha xadrez, dizendo que não permite o espaçamento adequado dos edifícios que devem cumprir o rol decorativo e de representação, bem como a abertura de diagonais para reforçar a hierarquização do tecido construído, a centralidade. Em Bogotá trabalha sobre a relação entre o núcleo de fundação, a primeira expansão e o crescimento perimetral. Brunner propõe recompor o tecido urbano dessa expansão e configurar os tecidos morfológicos que induzam ao reordenamento. Realiza, assim, um exercício de reconstrução da cidade, justapondo o plano existente aos seus projetos, incorporando o zoneamento e cidades-satélites, como questões práticas. Nos anos 40 concebe a cidade-satélite de El Salitre, para corrigir o crescimento linear espontâneo de Bogotá, rodeada de um cinturão florestal e pensada com baixa densidade (60 mil habitantes). É perfeitamente possível reconhecer na obra e no manual de Brunner alguma influência sitteana no que diz respeito a estética da cidade e Unwin na relação entre cidade e natureza.

¹ BRUNNER, Karl. H. **Manual de Urbanismo**. Tomos I e II, Bogotá, Colômbia: Imprenta Municipal, 1940.

² FIGUEROA, S. Jonas. *La Ciudad Demostrativa*. In: **Revista de Arquitectura. Facultad de Arquitectura Y Urbanismo**, nº 8. Universidad de Chile. Santiago: Impresos Universitaria S. A., 1996. Pág. 4-7. Também, na mesma edição, dedicada à Karl Brunner: FERNANDES, Manuel. *Modelos e imaginarios europeos em urbanismo americano 1900-1950*. Iguualmente em HOFER, Andréas. Karl Brunner. y el urbanismo en America Latina.

A partir desta breve incursão sobre a manualística, apresenta-se uma primeira seleção de obras, consideradas como as principais difusoras do pensamento urbanístico correspondente ao período estabelecido, ou seja, a primeira metade do século XX:

Conforme aponta Peña, mais de cem anos se passaram desde que Camillo Sitte, Ebenezer Howard, entre outros, publicaram a primeira edição de suas obras. Contudo, existem motivos para revisitar estas obras, incitando suas leituras, recordando suas raízes. Segundo este autor, a substância que forma originalmente estas obras não é a mesma que alimenta o pensamento reformista no decorrer de suas realizações, e que acabará se apoderando da idéia e de sua materialização, o que pode ajudar também a compreender a crise urbana atual.

Referências

- ABERCROMBIE, P. *The Greater Plan*. London: H. M. Stationery Office, 1944.
- BRUNNER, Karl. H. *Manual de Urbanismo*. Tomos I e II, Bogotá, Colômbia: Imprensa Municipal, 1940.
- CALABI, Donatella. *Storia dell'urbanistica europea. Questioni, strumenti, casi esemplari*. Torino: P. B. Mondadori Editori, 2000.
- CALABI, Donatella. *Werner Hegemann, o de la ambigüedad burguesa de la urbanística*. In: Casabella, nº 428, 1977.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Dibel, 1990.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora da UNESP, 2001.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CIUCCI, G., DAL CO, F., MANIERI-ELLIA, M., TAFURI, M. *La ciudad americana. De la Guerra Civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1975.
- FICACCI, Luigi. *Piranesi. The Complete Etchings*. Roma: Taschen, 2000.
- FISHMAN, Robert. *Bourgeois Utopias. The Rise and Fall of Suburbia*. New York: Basic Books Inc. 1987.
- HALL, Peter. *Cidades do Amanhã. Uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- HEGEMANN, W. PEETS, E. *The American Vitruvius: an architect's handbook of civic art*. New York: Princeton Architectural Press, 1989 (1922).
- HOFER, Andreas. *Karl Brunner y el urbanismo europeo en América Latina*. Bogotá: El Áncora Editores, 2003.

HOWARD, E. Cidades-Jardins do Amanhã. São Paulo, Hucitec-EDUSP, 1996.

JOYANT. Librairie de l'enseignement technique. Paris: Leon Eyrolles Editeur, 1923.

LE CORBUSIER. A Carta de Atenas. São Paulo, HUCITEC-EDUSP, s/d.

LE CORBUSIER. Planejamento Urbano. São Paulo: Perspectiva, 1971.

LE CORBUSIER. Urbanismo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEME, M. C. da Silva (Coord.). Urbanismo no Brasil 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel/FAU/USP/FUPAM, 1999.

LEPETIT, Bernard. Por Uma Nova História Urbana. São Paulo: EDUSP, 2001.

MANCUSO, Franco. Las Experiencias del Zoning. Barcelona: Gustavo Gilli, 1980.

PICCINATO, Giorgio. La costruzione dell'urbanistica. Germania 1871-1914. Roma: Officina Edizioni, Seconda edizione, 1977.

SALGUEIRO, H. A. Cidades Capitais do Século XIX. São Paulo: EDUSP, 2001.

SITTE, Camillo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

UNWIN, Raymond. La Practica del Urbanismo. Una introducion al arte de proyectar ciudades y barrios. Barcelona: Gustavo Gilli, 1984 (1909).